

AS TECNOLOGIAS NUMA ESCOLA PÚBLICA DO CAMPO: um desafio pedagógico.

Daniela Pedra Mattos

Mestre em Educação pela UFPel
Universidade Federal de Pelotas/RS- Brasil
dani.mattos@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho discute dados de uma pesquisa realizada em uma escola pública do Campo do Rio Grande do Sul, Brasil. O objetivo da pesquisa foi investigar quais as dificuldades e as possibilidades para o uso dos computadores no trabalho pedagógico. Os dados foram coletados a partir de aplicação de questionários e realização de entrevistas semi-estruturadas com quatorze professores participantes da pesquisa. Os dados evidenciaram que 50% participantes não utilizavam os computadores e que a maioria dos participantes não considerava o Laboratório Multimídia como prioridade para a escola. A pesquisa revelou as fragilidades da implementação do ProInfo e que os alunos da escola pública do Campo estão conectados as tecnologias de forma expressiva. Ficou evidenciado que a utilização das tecnologias pelos professores e alunos, perpassa por questões estruturais da escola, bem como pelo processo de comunicação e interlocução entre os sujeitos.

Palavras-Chave: escola, tecnologias, professores, reflexão.

TECHNOLOGIES IN A FIELD PUBLIC SCHOOL: an educational challenge.

Abstract

This paper discusses data from a study developed in a Field public school in Rio Grande do Sul, Brazil. The aim of investigation was to identify difficulties and possibilities for the use of computers in educational activities. Data were collected from questionnaires and semi-structured interviews with fourteen teachers participants in the research. The data showed that 50% participants did not use computers and that most of participants did not consider the Media Lab as a priority for the school. The study revealed weaknesses in the implementation of the ProInfo, although the Field public school students are significantly connected with technologies. The study suggests that the use of technology by teachers and students is associated with structural issues that permeate the school, as well as the process of communication and dialogue between them.

Keywords: school, technology, teachers, reflection.

LAS TECNOLOGÍAS EN UNA ESCUELA PÚBLICA DEL CAMPO: un desafío pedagógico

Resumen

Este trabajo refleja sobre los datos de una pesquisa realizada en una escuela pública del campo, en un municipio del interior del estado del Rio Grande del Sur/ Brasil. El objetivo de tal investigación fue de pesquisar cuales las dificultades y las posibilidades para la utilización de las computadoras conectadas al internet en el trabajo pedagógico. La metodología elegida fue el estudio de caso. Los datos fueron colectados a partir de la aplicación de cuestionarios, realización de entrevista seme - estructurada y de cinco encuentros realizados con los catorce profesores participantes de la pesquisa. Los datos revelaron que 50% de los catorce profesores, no utilizaban las computadoras por la falta de seguridad en utilizar tal herramienta; Evidenció que los docentes no consideraban el Laboratorio Multimedia una prioridad para la escuela. Reveló las fragilidades de la aplicabilidad del ProInfo en otros estados brasileños y que los alumnos de la escuela pública del campo están conectados a las tecnologías de manera expresiva lo que sorprendió los docentes. Evidenció que la utilización de las tecnologías por los profesores y alumnos per pasa las cuestiones estructurales de la escuela, pues los procesos y herramientas existentes en este contexto están enraizadas en el proceso de comunicación e interlocución entre los sujetos escolares.

Palabras-Clave: escuela, tecnologías, profesores, reflexión.

INTRODUÇÃO

Vivenciamos as transformações do século XXI, mesmo considerando a complexidade e a imprevisibilidade do momento vivido, a sociedade que permite atravessar conhecimentos e interconectar saberes. Nesse sentido, a escola e suas interfaces encontram-se diante de grandes desafios. Segundo Lévy (2000, p. 8), a escola:

é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em um uso moderado da impressão. Uma [...] verdadeira integração da informática supõe, portanto o abandono de um hábito antropológico mais que milenar o que não pode ser feito em alguns anos.

Conforme aquele autor, a escola traz consigo conceitos seculares lineares, os quais se tornam obstáculos a serem transpostos, pois passamos de uma sociedade

tradicional, extremamente regrada e previsível, a um tempo aparentemente de imprevisibilidade e incertezas constantes.

Nos dias atuais, mesmo que a escola não seja a principal fonte de informações para os estudantes, ela pode funcionar como mediadora de possibilidades ainda não descobertas, tanto por professores quanto por alunos.

Para Morin (2002, p.84):

É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado e é por isso que a educação do futuro deve se voltar para as incertezas ligadas ao conhecimento.

Imersos num caminho de incertezas, encontram-se os sujeitos escolares (alunos e professores) e com eles a escola e as tecnologias. Uma sociedade interconectada, em permanente transformação e espaços escolares, aparentemente, desconexo do cenário tecnológico. No entanto, o que se percebe é que mesmo a passos lentos, a escola pública busca acompanhar tais transformações.

Para Kenski (2007, p.41) “as tecnologias estão em permanente mudança, a aprendizagem por toda a vida torna-se consequência natural do momento social e tecnológico em que vivemos.” Conforme aquela autora, o cenário tecnológico pressupõe permanente mudança, sendo que a aprendizagem é algo construído continuamente. E, nessa construção, encontra-se o relevante papel da escola em contribuir para o crescimento dos sujeitos, possibilitando-lhes a busca por novos conhecimentos, criando oportunidades de valorização de seus saberes individuais e coletivos.

No entanto, a instabilidade e a incerteza da atualidade requerem ousadia de seus atores e a escola é desafiada a efetivar uma educação que incentive o desassossego intelectual. Foi nessa perspectiva, que a autora começou a indagar-se sobre a utilização das tecnologias numa escola pública do Campo, na qual atuava como professora e diretora. Especificamente, as inquietações emergiram do fato de que na escola havia um Laboratório Multimídia (LM) do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) do Governo Federal, sendo que tal laboratório não era utilizado pelo coletivo dos professores em suas práticas pedagógicas. Por outro lado, entre os alunos, evidenciava-se uma expressividade na utilização das tecnologias, por meio do uso de celulares e notebooks. Aparentemente, o que se visualizava era uma escola do Campo desconectada do Campo e das tecnologias.

Cysneiros (2004) reconhece que apesar de ter havido avanços a partir de programas para implementação de tecnologias nas escolas públicas, algumas falhas são evidenciadas, o que inclui a ausência de articulação entre os programas de tecnologia educativa desenvolvidos pelo MEC. Aquele autor enfatiza que programas como o ProInfo não se consolidam na prática, pois faltam as condições mínimas para que isso aconteça. Por exemplo, na escola em estudo não havia espaço físico adequado e os equipamentos não atendiam a todos os alunos, bem como os professores da escola não receberam uma formação continuada qualificada para construir planos de estudo, associados à realidade do Programa.

Castro (2011) ao analisar os contextos de influência e de produção da atual política nacional de tecnologia na Educação, ressalta que as fragilidades vão além do acesso ao aparato tecnológico, neste caso, os computadores. O governo falhou porque não planejou ou, não ouviu as escolas e seus atores sobre a inserção das tecnologias nesse contexto, portanto, não houve análise de suas realidades. A autora ressalta que:

(...) a inserção das TICs nas escolas se dá dissociada das necessidades às quais elas efetivamente poderiam atender. Nessa perspectiva, os laboratórios de informática configuram um “corpo estranho” na escola, um elemento dissociado do cotidiano letivo e dos debates que mobilizam o campo da educação (CASTRO, 2011, p.137).

Para Gutiérrez e Prado (2002), Penteado (2006) e Porto (2006; 2009) não basta o professor somente usar a tecnologia, a inclusão digital de professores e alunos compreende uma forma de uso significativo e crítico dessas ferramentas. Para tanto, possivelmente, a escola deverá internalizar a utilização das tecnologias, promovendo a reflexão coletiva dos sujeitos escolares, não somente nas questões estruturais, mas, sobretudo, no que se refere às questões pedagógicas, pois destas é que emergem as possibilidades de crescimento individual e coletivos dos sujeitos escolares.

Neste sentido, Charlot (2008, p.21), ressalta que

os professores necessitam de uma reflexão fundamental sobre o uso do computador (e da internet), além de discussão coletiva sobre a escola, sobre a distribuição de alunos em turmas estandardizadas, sobre a rigidez do currículo e avaliação escolar, e sobre as estruturas de espaço e tempo das escolas que não combinam com o uso pedagógico do computador e da internet.

O autor propõe reflexões sobre espaço da escola como um todo, promovendo indagações, na intenção que estas possam abrir os olhares para ressignificar práticas e ampliar conhecimentos.

Almeida (2000, p.15) enfatiza que “a verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim de criar condições de aprendizagem.” Assim, a pesquisadora foi percebendo e acompanhando as lacunas deixadas pelo ProInfo, ressaltando que sem a capacitação dos professores e nem o planejamento de uma proposta de uso, os computadores não eram utilizados pelos docentes e alunos.

Referindo-se a apropriação da tecnologia no âmbito da formação docente, Porto (2009, p.7) explica:

[...] ela não pode acontecer apenas relacionada à utilidade da ferramenta de trabalho, descontextualizada do espaço escolar, além, é lógico, de motivar reflexões sobre o modelo de escola que se deseja, com ou sem tecnologia, vencendo barreiras, muitas vezes maiores do que a incorporação da tecnologia.

Assim, segundo aquela autora, a apropriação da tecnologia educacional enquanto mediação para o ensino e a aprendizagem está associada à necessidade de uma formação, no próprio contexto da escola, que promova a busca docente pela ampliação dos conhecimentos em tecnologias. Ainda neste sentido, Penteado (1998, p.14), assinala que:

uma mudança dessa natureza requer do profissional conhecimento das novas formas de atuação compatíveis com o agir comunicacional [...] sendo que a decisão de mudança não é imediatamente seguida de correspondentes alterações comportamentais do docente, como frequentemente se espera isso porque toda a mudança de conduta implica em desinstalar modos de ser já arraigados e até automatizados e dos quais já tomamos consciência [...].

Dessa maneira, evidencia-se a complexidade da utilização das tecnologias nas escolas. A realidade sinaliza necessidades para além de treinamentos dos professores, mas, sobretudo, para uma reflexão sobre a postura docente com (ou sem) as tecnologias, pois de acordo com Kenski (2003, p.75) “o impacto das tecnologias exige uma reflexão profunda sobre a escola e o ensino que ela oferece [...]”. Conforme ressalta a autora, há necessidade de os professores pensarem sobre as tecnologias como possibilidades que podem ampliar o conhecimento entre o coletivo dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Esta pesquisa surgiu a partir da necessidade de reflexão sobre os desafios e

contradições vivenciados no contexto de uma escola pública do Campo, principalmente no que se refere à utilização do LM. O objetivo desta investigação relaciona-se às dificuldades e possibilidades do uso dos computadores no trabalho pedagógico dos docentes daquela escola do Campo, bem como de sua integração à prática da Educação do Campo.

O CONTEXTO DA PESQUISA

O município de Piratini, no Rio Grande do Sul, assim como os demais municípios da maior parte dos Estados brasileiros, foi contemplado pelo Ministério da Educação (MEC) com o ProInfo. O referido Programa foi criado pelo Governo Federal brasileiro, com o objetivo de implantar Laboratórios Multimídia (LM) em escolas públicas localizadas em zonas urbanas e rurais. No referido município, primeiramente, receberam os LM as escolas do Campo com mais de 150 alunos e, gradativamente, todas as escolas do município foram contempladas.

Em 2009, a escola municipal na qual a autora atuava recebeu o LM composto por cinco computadores e uma impressora multifuncional, além do mobiliário (mesas e cadeiras). Naquele mesmo ano, o ProInfo previa oportunizar um treinamento que ocorreria na capital do Estado, Porto Alegre, para duas pessoas de cada Secretaria de Educação daqueles municípios contemplados. Essas duas pessoas repassariam a formação para dois professores de cada escola que haveria de receber o LM. A carga horária prevista para tal capacitação era de 40 horas. Os professores, após essa capacitação, seriam os multiplicadores em suas escolas. O treinamento se realizou de maio a agosto de 2009 e o LM chegou à escola em outubro do mesmo ano. Os professores representantes da escola deveriam ser escolhidos pelo diretor, sendo os critérios também designados por ele.

Na escola pesquisada, informou-se aos professores sobre o treinamento e perguntou-se sobre o interesse desses em participar. Como não houve interessados e o prazo para a realização do mesmo estava se esgotando, a diretora indicou duas professoras: uma lecionava nos anos iniciais e outra nos anos finais do Ensino Fundamental. Após o treinamento recebido, elas deveriam ser as multiplicadoras, ou seja, deveriam formar os demais professores da escola. Essa formação iria acontecer no

turno da noite, mas não se concretizou devido ao fato de os professores não terem redução na carga horária nem receberem pelas horas extras trabalhadas.

Com o passar do tempo, se percebeu que nem mesmo as professoras que receberam o treinamento, utilizaram os computadores presentes na escola. Contudo, além das fragilidades do ProInfo no que se refere à formação docente, a escola tinha dificuldades quanto a estrutura física, pois os espaços eram limitados, não havia uma sala exclusiva para o LM, o qual foi colocado em espaços da escola, os quais não atendiam adequadamente a funcionalidade do laboratório.

Entretanto, mesmo evidenciando tais fragilidades de implantação do LM, percebeu-se que, ao menos em sua concepção, o ProInfo apresentava uma proposta pedagógica que poderia contribuir com a proposta da escola e, conseqüentemente, com a aprendizagem dos alunos. Assim, além da implantação dos LM e da capacitação dos professores, gestores e outros agentes educacionais para a utilização pedagógica do LM, o ProInfo previa a oferta de conteúdos educacionais multimídia e digitais, soluções e sistemas de informação disponibilizados pela Secretaria de Educação a Distância (SEED) do MEC (ALMEIDA, 2000).

Além de não haver uma sala apropriada para colocar o LM, a instalação da internet esbarrava nos entraves burocráticos tanto na esfera municipal quanto estadual. Mesmo com tais dificuldades, tinha-se a expectativa de que a chegada dos computadores na escola fosse mobilizar os professores para a inserção das tecnologias no contexto pedagógico. Tal expectativa era gerada pelo fato de que eles demonstravam uma postura de crítica à falta de acesso às tecnologias pela escola do Campo, o que, segundo eles, limitava o processo de pesquisa e conexão com o conhecimento. Porém, essa mobilização não aconteceu com a chegada dos equipamentos do LM do ProInfo.

Nessa mesma perspectiva, Kenski (2007) expressa que as tecnologias são facilitadoras de interação e comunicação, sendo que o homem criou uma tecnologia especial - a tecnologia da comunicação - não entendida como máquina, mas como linguagem. Além disso, aquela autora diz que as tecnologias não são inovações recentes, pois são:

[...] tão antigas quanto à espécie humana [...] a engenhosidade humana em todos os tempos, que deu origem as mais diferenciadas tecnologias. O uso do raciocínio tem garantido ao homem um processo crescente de inovações. Os conhecimentos daí derivados,

quando colocados em prática, dão origem a diferentes equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos, ferramentas [...] (KENSKI, 2007, p.15).

De acordo com Kenski, não se pode negar que as tecnologias se alteram, transformam-se e evoluem, uma vez que as já existentes, desde os primórdios da história vêm transformando a sociedade. Portanto, fazendo parte dessa história de transformações sociais, a escola do Campo vem caminhando a passos lentos, no que se refere a um processo de crescimento pedagógico e tecnológico, pois, não tem tido seu espaço e seus atores reconhecidos como sujeitos que fizeram e fazem história. Conforme Leite (1999, p.14) enfatiza:

[...] a educação rural no Brasil, por motivos socioculturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional, aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade” [...]

Arroyo, Caldart e Molina (2004) também acreditam que a escola do Campo, foi tida como resíduo do sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, à população do Campo foi negado o acesso aos avanços ocorridos nas últimas décadas, tal como o reconhecimento e a garantia do direito à Educação Básica.

METODOLOGIA

Este trabalho partiu de uma pesquisa qualitativa que teve como base a consideração do contexto escolar investigado e a escuta das reflexões dos professores participantes sobre as tecnologias numa escola do Campo, utilizando-se de questionários e entrevistas semi-estruturadas. Essa abordagem metodológica permitiu considerar diferentes pontos de vista dos participantes e favoreceu situações que poderiam ser inacessíveis (LÜDKE; ANDRE, 1986). Foram também utilizadas observações, as quais foram registradas em diário de campo.

Inicialmente, em 2011, todos os 21 professores da referida escola do Campo foram convidados para participar do estudo, sendo que efetivamente apenas quatorze deles aceitaram o convite. Neste artigo, esses sujeitos são nominados por letras.

A escola do Campo pesquisada havia sido fundada em 24 de abril de 1978 e, na época da pesquisa, ofertava o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano. A unidade de ensino

era situada numa localidade denominada Agrofil, a 36 km de distância do núcleo urbano principal do município Piratini, no Rio Grande do Sul. Os professores que ministravam aula na escola não moravam na localidade, assim, nos dias que lecionavam, eles viajavam 72 quilômetros (ida e volta) em estradas de terra batida.

Dos alunos matriculados na escola, 10% eram filhos de pequenos agricultores moradores da localidade, os outros 90%, eram filhos de operários que trabalhavam nas empresas locais, sobretudo, no Pólo madeireiro constituído por um núcleo de empresas especializadas no plantio, extração e beneficiamento de madeiras tais como acácia e pinus. O nível socioeconômico das famílias atendidas na escola era considerado baixo, conforme dados que constavam no Projeto Político Pedagógico datado de outubro de 2011.

Na história da comunidade, esse pólo madeireiro foi implantando após haver, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, um significativo êxodo rural de famílias que partiram para os grandes centros urbanos em busca de trabalho para sua subsistência. Isso aconteceu, tendo em vista a precariedade de condições que as famílias tinham para manter suas propriedades, causada, sobretudo, por altos impostos, falta de acesso à saúde e à educação. E, foi assim, que muitas propriedades foram vendidas para grandes pecuaristas que passaram a investir na criação de gado de corte, bem como para empresas madeireiras que passaram a explorar o plantio e venda de árvores. Esses investidores também vieram de outras cidades gaúchas para morarem no município e instalarem suas empresas.

Emerge naquelas décadas o “campo urbanizado”, quer dizer, quando as empresas se instalaram na região não havia mais mão de obra, por causa do esvaziamento da população local. Assim, as madeireiras recrutaram nos centros urbanos seus trabalhadores. As famílias que se instalaram na localidade tinham sido sufocadas pelo desemprego das grandes cidades, passando assim a viver em uma realidade que desconheciam.

Na época desta pesquisa, 90% dos moradores do lugar onde a escola localiza-se eram oriundos de centros urbanos como Porto Alegre, São Francisco de Paula, Santo Antônio da Patrulha, Bagé e outras cidades da região, bem como de outros estados brasileiros como Paraná e Santa Catarina. Assim, a população que a escola atendia era composta por famílias dos trabalhadores oriundos de realidades urbanas. Segundo

levantamento realizado pela escola em 2011 para elaborar o PPP (Projeto Político Pedagógico), 90% das famílias locais não produziam qualquer hortaliça ou hortifrutigranjeiro, também não tinham criação de gado leiteiro ou de corte, sendo que toda a subsistência era retirada de proventos oriundos do trabalho nas madeireiras locais. Essas famílias viviam em pequenas propriedades pertencentes aos donos das empresas.

Assim, resumidamente, a realidade da escola estudada incluía precariedade de espaço físico e algumas contradições, entre as quais: alunos moradores do Campo que, aparentemente, não tinham interesse pelo Campo; professores moradores da cidade que, na sua maioria desconheciam tal realidade; um Laboratório Multimídia que não era utilizado nem pelos professores, nem pelos alunos; professores que revelaram não utilizar o LM para qualificarem suas práticas pedagógicas, mesmo reconhecendo sua importância; alunos com amplo contato com tecnologias, mas que não as utilizavam na escola e, por fim, uma escola do Campo desconectada do Campo e das tecnologias.

AS TECNOLOGIAS NO ESPAÇO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO CAMPO

As análises das falas dos participantes sugerem que suas preocupações com os espaços físicos da escola, aparentemente, se entrelaçam ao desconhecimento deles em utilizar os computadores para desenvolver o trabalho pedagógico com os alunos. Os seguintes extratos de suas falas evidenciam esses aspectos:

Na verdade temos medo do novo porque nos desacomoda e dá trabalho [...] e com as tecnologias é assim que acontece, mas precisamos entender que nossa vida é cercada por elas. Tudo é tecnologia. (Prof. B).

[...] é muito complicado tudo isso. Eu nunca tinha parado para analisar e refletir essa questão das tecnologias, mais precisamente da aprendizagem de como utilizar o computador e a internet [...] (Prof. G).

Esses trechos dos depoimentos desses participantes evidenciam os desassossegos dos docentes que verbalizam a abertura deles para possíveis descobertas. Essas compreensões dos participantes podem ser analisadas a partir das análises de Cysneiros (2004) que enfatiza as repercussões do que se entende por tecnologia. Segundo aquele autor, tecnologia é um termo polissêmico, sobre o qual intuímos alguns significados, mas temos dificuldade em fazê-lo com precisão. Assim, apesar de que

muitas pessoas associam o termo tecnologia aos computadores e aos aparelhos eletroeletrônicos, seria preciso ampliar essa perspectiva porque as tecnologias também perpassam concepções e não somente equipamentos físicos.

De acordo com os dados coletados, os participantes da pesquisa explicitaram algumas definições sobre tecnologia, entre elas:

São ferramentas que permitem a comunicação de forma global. (Prof. G);

São ferramentas que nos permitem ir além da nossa realidade, além de serem muito importantes para o desenvolvimento local e global. (Prof. H);

São meios pelos quais podemos ampliar nossos conhecimentos. (Prof. D);

São aparelhos como (TV, rádio, computador, celular...) que oportunizam a comunicação com o mundo e o conhecimento de outras realidades. (Prof. F).

Conforme a fala dos sujeitos pesquisados, as tecnologias são ferramentas que servem para o crescimento e desenvolvimento da sociedade como um todo, além de apontarem para a ampliação dos conhecimentos construídos. Todavia, compreendendo o conceito de ferramenta de maneira mais ampliada, pode-se ter a percepção de que a humanidade está vinculada a produção das mais diversas tecnologias. Por exemplo, McLuhan (1979, p.76) afirma que “a palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem pode desvincular-se de seu ambiente e retomá-lo de novo modo.” O autor reflete sobre as tecnologias a partir do corpo humano, expressando que todas as tecnologias são extensões de nossos sistemas físico e nervoso, tendo em vista o aumento da energia e da velocidade.

Os sujeitos participantes da pesquisa fizeram referência para aspectos estruturais da escola. Para os 14 sujeitos entrevistados, as prioridades para a escola naquele momento eram: salas de aulas mais ventiladas e espaçosas; transporte escolar mais confortável e de qualidade; construção de rampas e calçadas ao redor da escola; formação de professores voltada para as tecnologias e a construção de uma sala para o LM. Apresentamos em seguida a fala de um participante.

Não adianta mandar computadores para a escola e não ter espaço físico para colocá-los[...]. A escola tem sido receptadora de tecnologia, mas não nos perguntaram se sabíamos lidar com elas e nem tampouco se tínhamos onde colocá-las. (Prof. G).

Nesse sentido, os sujeitos pesquisados elencaram outras prioridades para a escola, que não as tecnologias, neste caso, computadores conectados a internet.

Os dados coletados por meio de questionário revelaram que dos quatorze professores entrevistados, treze têm computador em casa; nove têm acesso à internet e outros cinco acessam a internet em LAN houses. Também em relação ao uso do computador pelos professores: cinco responderam que utilizavam o computador para realização do planejamento das aulas; seis revelaram que apenas digitavam provas e trabalhos e que o acesso à internet servia para outras finalidades, sem especificá-las e, três responderam que utilizavam o computador conectado à internet para estudos particulares. Todavia, 100% dos sujeitos pesquisados responderam que acreditavam que as tecnologias poderiam contribuir com o trabalho pedagógico, conforme depoimentos a seguir:

Acredito que a utilização dos computadores conectados à internet pode colaborar para o desenvolvimento das minhas aulas. (Prof. C)

Com certeza podem contribuir no desenvolvimento do meu trabalho docente, mas primeiro preciso aprender a utilizar essa tecnologia [...]. (Prof. D).

Mesmo considerando a importância da contribuição das tecnologias no trabalho pedagógico, os professores demonstravam insegurança quando se referiam à sua utilização.

Ao responderem se utilizavam o LM com os alunos, 100% dos sujeitos disseram que não utilizavam o LM, sendo várias as justificativas para tal:

Não utilizo os computadores porque não aprendi ainda a trabalhar com os alunos no LM. (Prof. J)

Não utilizei ainda porque acho complicado cinco computadores para 26 alunos. (Prof. L)

Na verdade não sei unir meu planejamento ao LM. (Prof. M)

Não utilizo porque não tem internet no LM. (Prof. F)

As dificuldades dos professores em estarem abertos para novas aprendizagens estiveram também presentes nos seus depoimentos. Assim, a partir da análise dos registros do diário de campo, pode-se identificar que os docentes demonstraram certa

resistência em utilizarem os computadores do LM com os alunos, tal como, por exemplo, evidencia o trecho da fala do Professor I:

Na verdade, o uso das tecnologias, na escola, é um desafio a ser transposto primeiro por nós professores. Vejo que nossa classe ainda é muito conservadora. (Prof. I)

Os desafios detectados pelos professores da escola, em relação à utilização das tecnologias, parecem estar atrelados a um contexto contraditório mais amplo, que inclui necessidades de melhoria em aspectos, tais como: espaço físico (salas de aulas maiores, mais arejadas, iluminadas e com acessibilidade); transporte escolar em condições adequadas; Internet com maior capacidade; formação de professores voltada para a utilização das tecnologias no espaço da escola. Em relação a esse último aspecto em particular, 90% dos entrevistados revelaram sentirem-se inseguros em relação a utilização da internet no trabalho pedagógico com os alunos.

Mesmo diante dessas barreiras, alguns professores se mantinham conscientes da necessidade de mudar, tal como no extrato do depoimento do Professor F.

Tudo é um desafio, a gente sempre acha que não vai conseguir que não tem condições de fazer diferente e melhor [...]. Mas, é claro que agente faz melhor, é só não se acomodar [...]. (Prof. F).

Também se evidenciou que os professores pesquisados tinham claro o entendimento sobre tecnologias, porém, não as utilizam no trabalho pedagógico com os alunos. Nesse sentido, os sujeitos pesquisados elencaram como principais dificuldades enfrentadas na utilização das tecnologias: não saber trabalhar com os alunos, utilizando o computador conectado a internet (50% de quatorze professores); Espaço físico limitado para o LM e poucos computadores (40% dos professores); Não terem tempo disponível para planejamento das aulas (10% dos professores). Possibilitar

As análises dos dados permitiram inferir que as fragilidades para o uso das tecnologias estavam atreladas ao fato de que os professores estavam vinculados a vestígios de um passado escolar engessado, previsível. Assim, os professores parecem ter dificuldades de atuarem nas realidades escolares atuais, caracterizadas pela imprevisibilidade; que não mais visa apenas o trabalho individual; mas que valoriza as aprendizagens coletivas e que desafia a criação de possibilidades de ação.

A pesquisa realizada envolveu os professores da escola de tal maneira que eles passaram a questionar-se sobre o quanto conheciam seus próprios alunos em relação à utilização das tecnologias e, assim decidiram realizar uma pesquisa com os alunos para conhecer quais as tecnologias que eles dispunham e o que mais utilizavam. Assim, um coletivo de professores que participaram do estudo organizou um questionário que foi aplicado para 98 alunos de um total de 112. Os dados revelaram que 92% dos alunos que responderam ao instrumento possuíam telefone celular, e entre estes, 80% utilizavam o celular para escutar músicas, 10% para se comunicar com seus pais e os outros 10% utilizavam para fotos e vídeos. Em relação ao uso do computador, dos 98 entrevistados, 38% afirmaram ter computador em casa. Sendo que 32% deles utilizavam mais o computador para jogos e 8% para realizarem pesquisas. Porém, 82% dos entrevistados disseram já ter acessado a internet em LAN *houses* (local de mais acesso) e em casa de amigos.

Esses dados serviram para que os professores da escola conhecessem a realidade discente em relação ao uso da tecnologia, o que, os surpreendeu pela expressividade de alunos de uma escola do Campo que acessavam a internet, como evidenciado no trecho de fala abaixo:

Esse resultado serve para nos conscientizarmos de que nossos alunos estão conectados, de alguma forma com as tecnologias além de dominá-las melhor que nós. (Prof. L).

Os comentários, em relação aos resultados da pesquisa, aparentemente, desassossegaram os sujeitos pesquisados, que reconheceram a fragilidade do momento vivenciado.

É interessante que em uma escola rural quase a totalidade dos alunos terem telefone celular, grande parte acessam a internet e dominaram gravações em áudio e vídeo [...] realmente precisamos nos atualizar (...) (Prof.G).

Esses dados indicaram que a escola carecia de inúmeros recursos, os quais iam desde investimentos nas estruturas físicas até as estruturas pedagógicas, como por exemplo, na formação docente. Nesse sentido, pode-se perceber que ao implementar o ProInfo o governo não fez uma avaliação dessas estruturas o que, provavelmente, tenha fragilizado o sucesso do programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que a escola pública do campo ainda trás consigo as marcas da história da educação rural no Brasil. Portanto, a questão que permeou tal trabalho de pesquisa não apresenta uma resposta linear, mas sinaliza que, em se tratando de Educação, os processos estão interligados e que para o LM ser utilizado, necessariamente, há de se considerar o seu entorno, com suas contrariedades e potencialidades. Paralelamente, há de emergir uma consciência pedagógica reflexiva não somente dos professores e alunos, mas de todos os sujeitos envolvidos no processo (direção, alunos, professores, governos municipais, estaduais e federais) para que possa haver uma interconexão entre conhecimento/ espaços/ tecnologias de forma circundante.

Sendo assim, de acordo com os dados apresentados se percebe que, as tecnologias podem tanto fazer parte do cotidiano do Campo quanto da cidade. Além disso, as dificuldades e precariedades da escola pública e programas como o ProInfo ainda caminham na contramão do que se pode chamar de desenvolvimento na Educação. Entende-se que programas dessa natureza provavelmente se efetivarão, quando posturas forem desengessadas e investimentos forem pensados e projetados.

Espera-se que os dados aqui apresentados e discutidos possam servir de sinalizador de possibilidades para uma reflexão comprometida com o processo de ensinar e aprender, sobretudo nos contextos das escolas do Campo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. B. **ProInfo**: Informática e formação de professores. Brasília: MEC, 2000.
- ARROYO, M. G; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CASTRO, M. C. **Enunciar democracia e realizar o mercado**: políticas de tecnologia na educação até o Proinfo Integrado (1973-2007). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalho da contradição. **FAEEBA**, v. 17, p. 17-32, jun./dez. 2008.
- CYSNEIROS, P. G. Competências para Ensinar com Novas Tecnologias. **Diálogo Educacional**, v. 4, n.12, p. 23-33, 2004.
- GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2002.

- KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distancia**. Campinas: Papirus, 2003.
- KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- LEITE, S. C. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.
- LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 9. ed. Rio de Janeiro: 34, 2000.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. Brasília: UNESCO, 2002.
- PENTEADO, H. **Pedagogia da Comunicação, teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 1998.
- PENTEADO, H. Pesquisa, ensino e formação de professores. In: PIMENTAO, H.; GARRIDO, E. (Org.) **Pesquisa-ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis. relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31 jan./abr. 2006.
- PORTO, T. M. E. Inserções de tecnologias e meios de comunicação em escolas públicas do ensino fundamental: uma realidade em estudo. **Linhas**, v. 10, p. 17-33, 2009.